

CRIANÇAS E NATUREZA: AFINAR SILÊNCIOS, FIAR IMAGINAÇÕES

CHILDREN AND NATURE: TUNING SILENCES, WEAVING IMAGINATIONS

 <https://orcid.org/0000-0003-1776-3664> Ana Clara Nimrichter^A
 <http://orcid.org/0000-0002-1948-5090> Luciana Esmeralda Ostetto^B

^A Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil

^B Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil

Recebido em: 05 out. 2023 | Aceito em: 05 dez. 2023

Correspondência: Ana Clara Nimrichter (anacларanim@gmail.com)

Resumo

Ativar sentidos, apurar silêncios e aprender a escutar as múltiplas linguagens das crianças foram princípios-guias da pesquisa que teve por objetivo investigar relações e percepções de crianças com e sobre a natureza. Partindo da observação de suas formas de interação com as áreas verdes disponíveis na instituição de Educação Infantil que frequentavam, este estudo buscou capturar os olhares das crianças sobre a natureza, revelados em fotografias produzidas por elas no processo de pesquisa, ouvindo-as acerca das suas experiências em ambientes naturais e sobre suas produções fotográficas. Os olhares e os saberes de meninos e meninas de 4 a 5 anos de idade, participantes da proposta, emergiram no terreno dialógico da investigação e, como conteúdos narrativos, foram acolhidos e visibilizados por meio de expressões diversas. A despeito do que os adultos (quase) não veem como/na natureza, as crianças enxergam em seus cotidianos pequenas doses de magia, em ângulos inesperados, recheados de cumplicidade entre si. Compondo cantinhos de memória, as crianças vivificam objetos peculiares em interações brincantes com folhas, pedras, terra e água.

Palavras-chave: Criança e natureza; Educação Infantil; Fotografia; Pesquisa com crianças.

Abstract

Activating senses, raising silences and learning to listen to children's multiple languages were guiding principles of the research that aimed to investigate children's relationships and perceptions with and about nature. Starting from the observation of their forms of interaction with the green areas available in the Early Childhood Education institution they attended, this study sought to capture children's views on nature, revealed in photographs produced by them in the research process, listening to them about their experiences in natural environments and their photographic productions. The gazes and knowledge of boys and girls aged 4 to 5 years old, participants in the proposal, emerged in the dialogic field of investigation and, as narrative contents, were welcomed and made visible through different expressions. Despite what adults (almost) do not see as/in nature, children see small doses of magic in their daily lives, in unexpected angles, filled with complicity among them. Composing memory corners, children bring peculiar objects to life in playful interactions with leaves, stones, earth and water.

Keywords: Child and nature; Early Childhood Education; Photography; Research with children.



Introdução

Foi meu pai que me explicou: tenho inclinação para não falar, um talento para apurar silêncios. Escrevo bem, silêncios, no plural. Sim, porque não há um único silêncio. E todo o silêncio é música em estado de gravidez. Quando me viam, parado e recatado, no meu invisível recanto, eu não estava pasmado. Estava desempenhado, de alma e corpo ocupados: tecia os delicados fios com que se fabrica a quietude. Eu era um afinador de silêncios.
– Venha, meu filho, venha ajudar-me a ficar calado.
Ao fim do dia, o velho se recostava na cadeira da varanda. E era assim todas as noites: me sentava a seus pés, olhando as estrelas no alto do escuro. Meu pai fechava os olhos, a cabeça meneando para cá e para lá, como se um compasso guiasse aquele sossego. Depois, ele inspirava fundo e dizia:
– Este é o silêncio mais bonito que escutei até hoje.
Lhe agradeço, Mwanito.
Mia Couto (2009, p. 14).

No conto do escritor moçambicano Mia Couto, Mwanito é um “afinador de silêncios”, conforme seu pai lhe explicara e testemunhava: a tranquilidade do filho o fazia entrar em contato consigo mesmo, ensinava-o a se calar, acalmando-o. Afinar silêncios, então, não se trata somente de ausência de sons, mas, sim, da habilidade de silenciar por fora para poder ouvir-se por dentro. Quando se dá o tempo para a quietude, pode-se apurar o silêncio. Nesse movimento, o mundo deixa de ser uma simples morada e as ações mais cotidianas escapam à rotina: pessoas andando pelas ruas para ir ao trabalho, o sol nascendo e se pondo, os ônibus seguindo seus trajetos.

Na pesquisa com crianças, é valioso que o pesquisador cultive o silêncio, associado ao olhar curioso, não viciado, refinando os sentidos para acolher saberes e fazeres de meninas e meninos que, em suas infâncias pelo mundo, não seguem um caminho em linha reta, mas trilham percursos a partir de diversos estímulos, internos e externos, com as marcas da cultura em que estão inseridos. Para (re)conhecer as sutilezas dessas trilhas e suas prováveis (e improváveis) ressonâncias no corpo das crianças, no contexto de uma investigação, é fundamental aprender a “afinar silêncios”.

Entre fazeres, saberes, aprendizados e revisões de rotas no percurso da pesquisa, que foi traçada no encontro com as crianças em áreas abertas (NIMRICHTER, 2020), trazemos para o presente artigo cinco pontos, como sínteses integradoras da caminhada: 1) **Pela linguagem, com reflexividade e responsabilidade: abrir-se para o encontro** – discute, a

partir da literatura de referência, concepções e princípios que orientam a pesquisa com crianças, fertilizada no encontro e na empatia. 2) **Crianças, visualidade e práticas fotográficas** – fala sobre o ato de fotografar como uma prática comum entre adultos e crianças e a fotografia como um dispositivo de produção de dados que permite a coexistência de diversos elementos como subjetividade e objetividade, olhar global e focado, entre diversos outros fatores. Esse quadro compreensivo visibiliza a utilização de câmeras fotográficas pelas crianças, com autonomia e liberdade, para revelar olhares únicos, quiçá divergentes, sobre a mesma natureza presente na instituição de Educação Infantil. 3) **Com olhos de criança, ver o fundo das coisas: uma metodologia em movimento** – apresenta o desenho da pesquisa em movimentos que foram impulsionados por questões, tais como: Seria possível registrar olhares das crianças sobre/com a natureza? Como a lente fotográfica, por exemplo, poderia captar o que veem e os adultos (quase) não? 4) **Duvidar do óbvio em nuances de luz e sombra, entre experiências e imaginações** – discorre sobre como observar os percursos particulares das crianças permitiu que se identificasse modos próprios de ser e estar nos espaços externos: como gostavam de se divertir, quais eram seus cantos favoritos, como se relacionavam entre si, quem eram seus amigos ou amigas de aventuras. Observá-las no momento de fotografar e, depois, dialogar sobre as imagens capturadas possibilitaram revelar que os registros produzidos pelas crianças vão para além daquilo que poderíamos esperar: discretos, evidentes, quase invisíveis; duvidam do óbvio, iluminam frestas de luz e sombra; enxergavam seus cotidianos de ângulos inesperados. 5) **Sobre capturas fotográficas e concepções de natureza** – traçando considerações finais, aborda conteúdos que emergiram no terreno dialógico que provocou questionamento e acolheu as narrativas das crianças em suas múltiplas possibilidades de expressão: Onde está a natureza na fotografia?

Pela linguagem, com reflexividade e responsabilidade: abrir-se para o encontro

Pesquisar com crianças requer levar em conta a coexistência e a complexidade das múltiplas linguagens infantis, diante do que surgem algumas indagações: Qual a melhor maneira de se comunicar com os sujeitos da pesquisa, de forma a preservar sua inteireza e a dos fenômenos? Como incluir na pesquisa manifestações não verbais e subjetivas, como o corpo, as emoções, as sensações, a intuição e as energias sutis? Como as crianças se relacionam corporalmente com as peculiaridades dos ambientes naturais? Para enfrentar essas questões, assumimos as indicações de pesquisadores desse campo: cruzar procedimentos de

escuta, utilizar diferentes suportes expressivos, observar e registrar momentos diversos, é uma imperiosa necessidade (CRUZ, 2008).

Isso significa que o pesquisador, ao desejar olhar/ouvir/conhecer as crianças em suas peculiaridades, deve estar aberto às suas lógicas, a possíveis digressões, desejos de expansão corporal, distrações, expressões exageradas de animação ou fúria, medo, dúvida e quaisquer outras manifestações que, na maioria dos casos, não são esperadas. Portanto, é deveras importante ouvir as vozes e dar o devido valor às visões de mundo das infâncias – ao pensamento, ao sentimento –, muitas vezes tidas como ingênuas. Uma pesquisa assim projetada, precisa fazer uso de diferentes dispositivos e ações empáticas que auxiliam, justamente, no entendimento da criança como um todo, no acolhimento de sua inteireza. A “inversão da flecha”, proposta por Geraldi (2010) para os processos de ensino, também pode ser pensada para a pesquisa educacional com crianças. A pesquisa é uma vivência, e o pesquisador deve considerar aquela criança como um sujeito que tem muito a compartilhar. Os dois devem “[...] reencontrar o vivido para nele desvelar o saber auxiliado pelos conhecimentos disponíveis na herança cultural” (GERALDI, 2010, p. 95).

Ademais, pesquisar com crianças pequenas requer tempo. Não necessariamente tempo cronológico, mas, sim, tempo de trocas de qualidade entre os sujeitos da pesquisa e o adulto que pesquisa. Sendo o pesquisador uma pessoa geralmente desconhecida para as crianças até o dia em que a pesquisa se inicia, o processo de entrada na instituição é deveras importante e delicado. É fundamental se colocar disponível para as crianças, vê-las e ouvi-las com empatia, aproximar-se transmitindo-lhes confiança, abrindo espaço para a troca, para a interação, para a conversa por meio de múltiplas linguagens. Desse modo, a presença de um adulto estranho vai ficando mais natural, ainda que nunca neutra. O estreitamento da relação criança-pesquisador, com base na confiança, no diálogo, na escuta e no respeito, possibilita que os sujeitos de pesquisa possam ter o desejo de expressar-se de forma legítima. O vínculo construído durante a pesquisa evita uma relação de “[...] desejabilidade social, ou seja, aquela em que o sujeito da pesquisa responde àquilo que percebe ser a expectativa dominante ou a do próprio pesquisador” (CRUZ, 2008, p. 46).

Na pesquisa que desenvolvemos (NIMRICHTER, 2020), adotamos a perspectiva da teoria dialógica, que nos mostra a importância de “[...] não definir de antemão os pontos de chegada; que inclui não definir de antemão os limites do objeto. Assumir tal perspectiva inclui também não definir os corrimãos únicos dos caminhos” (GERALDI, 2012, p. 22). Adotarmos essa visão inclui consultar diariamente as crianças acerca da pesquisa – de suas

ferramentas, heurísticas e objetivos –, o que não só torna o processo mais flexível e participativo, mas também permite que meninos e meninas se sintam “empoderados” (CRUZ, 2008, p. 38) e, conseqüentemente, tenham mais alegria, autenticidade e pertencimento durante o processo da pesquisa.

Também adotamos como referência os conceitos de linguagem, reflexividade e responsabilidade (MELUCCI, 2005; PEREIRA, 2015). A **linguagem** conduz-nos à importância de se pensar em como fazer as perguntas no âmbito da pesquisa, principalmente quando elas são dirigidas às crianças. Em sua grande maioria acostumadas a buscar uma resposta “correta”, elas podem ter a tendência a buscar verdades subentendidas na própria pergunta. Dessa forma, no trabalho de pesquisa, cultivarmos uma atitude de interrogar os sujeitos de forma aberta e ampla, para além de perguntas que suscitam respostas com “sim” ou “não”, caberia constituir um terreno dialógico que provoque e acolha narrativas das crianças, em suas múltiplas possibilidades de expressão.

O conceito de **reflexividade** vai de encontro à ideia de que somente o pesquisador ou a pesquisadora podem produzir conhecimento acerca da realidade dos sujeitos de pesquisa. Principalmente no que diz respeito à pesquisa com crianças – que investiga as produções de seres muitas vezes entendidos como “adultos em construção” e, por isso, ainda sem autonomia para fazer ou compreender diversas coisas –, o conceito trazido por Melucci (2005) nos ajuda a valorizar as reflexões infantis sobre seu próprio cotidiano, abrindo espaço para emergir seu imaginário e sua subjetividade.

Ter **responsabilidade** em um projeto de pesquisa envolve ser responsável não só durante o processo, mas também com seus resultados. Pereira (2015), em seu texto *Por uma ética da responsividade: exposição de princípios para a pesquisa com crianças*, afirma a importância que o pesquisador educacional legitime a infância como categoria responsável por produzir sua própria literatura. Segundo a autora,

[...] o ponto de vista das crianças sobre a história, sobre o social e sobre suas experiências particulares vem sendo apresentado a partir da tradução ou da interpretação que os adultos fazem dele. [...] a própria história não tem sido contada do ponto de vista de cada um dos seus atores, pois nem todos, sobretudo as crianças, têm garantida a legitimidade de falar por si. Esse vazio, alteritariamente, afeta também aos outros (jovens, adultos, idosos) que, ao não se tornarem ouvintes da história narrada pelas crianças, são expropriados de um ponto de vista sobre a história e também de um ponto de vista sobre eles, que só as crianças poderiam dar (PEREIRA, 2015, p. 9).

As visões de criança, de infância e de pesquisa definem, em última instância, as perspectivas éticas na pesquisa. Assim, fazendo uso da literatura de referência, traçamos

algumas orientações para a pesquisa desenvolvida, cujo campo implicou o encontro com crianças que frequentavam uma instituição de Educação Infantil: recolha, junto aos responsáveis, de consentimento informado, garantindo confidencialidade e compromisso com a devolutiva da produção resultante da pesquisa. Considerando a necessária flexibilidade dos protocolos, a reflexividade foi um procedimento básico, durante todo o percurso. Na relação com as crianças, ouvindo seus desejos, lendo seus gestos, de assentimento ou negativa, fomos (re)construindo e (re)negociando propostas, levando em conta, como sugere Fernandes (2016), as características das crianças e os contextos de suas vidas. De tal modo, a autonomia das crianças foi uma linha-mestra que sustentou a travessia da pesquisa: nos registros de suas interações com a natureza, na forma pela qual elas participavam das propostas registradas (vídeo, fotografias, desenhos, manifestações corporais, diário de campo e/ou gravação de áudio etc.), nas conversas, até a leitura e interpretação dos dados produzidos. Praticamos uma ética que, em tudo, lembrava: a pesquisa não é sobre a criança, mas, sim, com ela.

Crianças, visualidade e práticas fotográficas

O MURO
O menino contou que o muro da casa dele era
da altura das andorinhas.
(Havia um pomar do outro lado do muro.)
Mas o que intrigava mais a nossa atenção
principal
Era a altura do muro
Que seria de duas andorinhas.
Depois o garoto explicou:
Se o muro tivesse dois metros de altura
qualquer ladrão pulava
Mas a altura de duas andorinhas nenhum ladrão
pulava.
Isso era.
Manoel de Barros (2010, p. 441).

Criança observa cantinhos, miudezas do chão, pequenos riscos nas paredes. Olha para enxergar, e, em sua escala, os detalhes são gigantes e fazem toda a diferença. Em contraponto à visualidade, aquilo que é oculto, secreto, escondido, invisível é algo que também provoca nas crianças grande curiosidade e fascinação. Por isso, o gosto por brincadeiras de esconde-esconde, casinhas, cavernas de lençol e sustos ao pé da mesa.

No mundo contemporâneo, a relação entre o homem e a imagem, que sempre foi estreita, ganhou contornos especiais com a disponibilização da tecnologia. O que, em um

mesmo ambiente, veriam hoje uma criança e um adulto? O que eles desejariam registrar de uma paisagem? Quais sentimentos e pensamentos provocam em nós o desejo de fazer o registro de um momento, de um objeto, de uma pessoa amada, de um pequeno ou grande achado?

Segundo Martins (2008, p. 53): “O homem comum fotografa na intenção de desbanalizar o banal”. Temos a intenção, efetivamente, de desbanalizar o banal ou será justamente a banalidade das situações que nos deslumbra? Será que ponderamos se uma cena vale ser registrada, em detrimento de outras? Como nos colocamos atrás das câmeras? Como está o nosso corpo e nossa respiração? Arriscamo-nos para fazer uma fotografia? Depois dos cliques, o que fazemos com os registros? Acessamos com frequência para reviver lugares, pessoas e instantes, ou a própria ação de registrar já é, por si só, o objetivo final? Quando revemos uma imagem, o que sentimos? Conseguimos nos transportar para a hora do registro? Teria ele conseguido capturar com exatidão aquele momento? Essas questões ajudaram a nortear a observação das práticas infantis com as câmeras.

Vivenciamos, atualmente, um momento histórico no qual a prática da fotografia está difundida entre crianças e adultos por intermédio de *smartphones*, redes sociais e aplicativos. A instantaneidade tornou-se característica principal da atividade: os cliques são imediatamente visualizados pelos fotógrafos, editados, ou até apagados e repetidos, de modo a obter a melhor pose. No que diz respeito à cultura visual, tanto adultos quanto crianças estão sob o constante estímulo de anúncios e programas de televisão, propagandas *online*, cartazes espalhados pela cidade, letreiros luminosos e outras formas de influências visuais externas. “A abundância de estímulos visuais dificulta decifrar as imagens em seus significados, fazendo de nossa experiência no mundo um amontoado de estilhaços de imagens desconexas que invadem as retinas como choques” (JOBIM E SOUZA, 2006, p. 208-209). Na maioria das vezes, não há opção: aquela provocação penetra nos olhos e nas mentes daquele que a vê sem pedir permissão. Segundo Da Ros *et al.* (2006, p. 102): “O sujeito da contemporaneidade está acompanhado pela imagem em todos os momentos, produzindo-a e sendo produzido por ela”.

Mesmo não sendo ainda usuárias de redes sociais como *Facebook* ou *Instagram*, crianças costumam ter contato com elas em casa, por intermédio da mãe, do pai e dos irmãos. Essas ferramentas de comunicação pela imagem inauguram um novo momento da cultura visual, adicionando novas significações e subjetividades à prática da fotografia. As imagens, quando postadas em redes sociais, muitas vezes podem vir acompanhadas de legendas:

comentários, sentimentos, letras de música, recados, ou até mesmo *emojis* – do japonês a junção dos elementos “e” (imagem) e “moji” (letra) – pequenas figuras representativas de sentimentos, lugares ou objetos. Assim sendo, aquele que produz a imagem também tem o desejo de expressar-se sobre ela e de compartilhá-la com amigos e conhecidos. Esses comentários, por sua vez, também podem sugestionar a interação da rede com aquela imagem. As fotografias são capturadas, visualizadas pelo fotógrafo, possivelmente editadas, legendadas, compartilhadas com a rede de amigos e depois recebem comentários. De acordo com Da Ros *et al.* (2006), os discursos atuais reproduzidos em nossa sociedade em geral, sejam eles na arte, na publicidade, na moda ou nos veículos imagéticos informativos, possuem características pós-modernas: tudo parece ser produzido para ser visto.

É interessante observarmos como tais particularidades da atualidade transformam o ato de fotografar, visto que adicionam diversas etapas que antecedem e sucedem o gesto de fazer uma foto. Considerando que, conforme Da Ros *et al.* (2006, p.103), aquele que “[...] olha produz discursos sendo ‘audiência’ ativa, pois a interlocução supõe trocas sociais entre produtor e leitor do outro”, qual será a importância que o fotógrafo, em uma rede social, dá aos comentários que são tecidos acerca de suas produções fotográficas? Muitas vezes parece que a intenção inicial da fotografia era, na verdade, os comentários que seriam feitos a partir dela.

Se muitas crianças ainda não fazem uso de tais redes, certamente já presenciaram ou acompanharam adultos de seu convívio interagindo nesse espaço virtual. Será que os atos de publicar fotografias nas redes sociais não contribuem para incutir em meninos e meninas a vontade de ser fotografada para ser vista? O que será que uma criança pensa, quando fotografa ou se deixa fotografar? Será que a fotografia já está carregada desta intencionalidade, a de produzir repercussão? Como essa peculiaridade afeta o olhar da criança perante o lugar, o objeto ou o momento a ser fotografado?

Na pesquisa que realizamos, a fotografia foi escolhida como um dos dispositivos de produção de dados por permitir a coexistência de diversos elementos como subjetividade e objetividade, olhar global e focado, percepção do ambiente e momento presente, entre diversos outros fatores. Além disso, conforme dito anteriormente, consideramos o ato de fotografar uma prática deveras difundida entre adultos e crianças, por isso os sujeitos da pesquisa poderiam sentir-se confortáveis com a proposta. Ademais, pensamos em oferecer câmeras fotográficas para serem manuseadas pelo grupo de crianças com autonomia e liberdade: cada criança com sua própria câmera em mãos, poderia focalizar naquilo que a

interessava individualmente, trazendo para o grupo seu olhar único sobre a mesma natureza presente no espaço que habitam.

Adotamos, também, uma compreensão mais ampla do conceito de imagem em detrimento de uma concepção estereotipada, que, por vezes, considera a fotografia um congelamento de um momento, ou uma imagem fixa, que está bem escolhida e enquadrada. Apesar de parecer simples e reveladora da realidade, uma simples imagem pode ter muitas facetas recheadas de subjetividade, pois concordamos que a “[...] fotografia não documenta o cotidiano. Ela faz parte do imaginário e cumpre funções de revelação e ocultação na vida cotidiana. Portanto, as pessoas são fotografadas representando-se na sociedade e representando-se para a sociedade” (MARTINS, 2008, p. 47).

A fotografia expressa não só subjetividades e posicionamentos daqueles que estão sendo fotografados, mas também dos que estão por trás das lentes.

A imagem, assim, não é somente algo que reproduz a realidade, mas algo que fala de um outro jeito de ver aquilo que se apresenta como realidade. Isto porque ela mesma se apresenta também de um outro jeito sendo, então, “uma outra realidade”, esbarrando e deslocando as já antigas formas de pensamento que lidavam com o que se chama de representação (DA ROS *et al.*, 2006, p. 106).

Quais serão os detalhes ocultos em cada opção de fotografia? O que uma criança deixou de fotografar quando escolheu registrar certa cena ou objeto? Quais serão as imagens, os sentimentos e os símbolos presentes no imaginário infantil que podem estar representadas nas fotografias tiradas por meninos e meninas? Quantas memórias recheadas de sentimentos bons e ruins cabem naquelas imagens? Será que o tempo entre o dia do registro e a análise das fotografias faria com que os sujeitos de pesquisa se atentassem a novos detalhes ou mudassem de opinião acerca dos antigos? O que as escolhas de recorte podem nos dizer sobre os autores da foto?

Com olhos de criança, ver o fundo das coisas: uma metodologia em movimento

A vida complexa, cheia de demais, cheia de gente, de edifícios, de coisas sem vida, congestionada de solicitações visuais, encontrou na fotografia um meio de registrar e guardar o que “vale a pena”, o que queremos que fique.

José de Souza Martins (2008, p. 40).

A afirmação de Martins, feita há mais de dez anos, ganha novos possíveis contornos. Na era dos *smartphones*, aplicativos e mensagens instantâneas, essa dependência da imagem

se faz cada vez maior. Nas mãos de quase todas as crianças, estão celulares e *tablets* capazes de tirar dezenas de fotografias por minuto. Será, então, que a fotografia ainda é um “meio de registrar o que vale a pena”? Antes demorada e custosa, a fotografia tornou-se um item descartável e espontâneo.

Contudo, como registrarmos olhares infantis? Seria isso possível? Como a lente fotográfica, por exemplo, poderia captar o que os pequenos vêem e os adultos (quase) não? Ao pretendermos utilizar a fotografia como dispositivo de produção de dados na pesquisa com crianças, privilegiamos a fotografia com/pelas crianças em espaços abertos/na natureza, com foco e disparos escolhidos por elas, de forma autônoma e independente.

A pesquisa foi desenvolvida em uma unidade de Educação Infantil, mantida por uma Universidade Federal, localizada no estado do Rio de Janeiro. Cinco crianças, uma menina e quatro meninos, com idades entre 4 e 5 anos de idade, fizeram parte do estudo. O desenho da pesquisa, relativo aos instrumentos de produção de dados no encontro com as crianças, contemplou seis grandes movimentos: 1º movimento: Entrada na instituição de Educação Infantil e observação; 2º movimento: Fotografando a natureza; 3º movimento: Roda de conversa/escuta com as fotografias impressas; 4º movimento: Miniexposição, escolha das fotos e produção dos Diários da Natureza; 5º movimento: Leitura do material; 6º movimento: Depois da pesquisa.

A ideia de pensarmos o encaminhamento da pesquisa por meio da composição de movimentos considera uma visão ampliada e fluida do percurso, que não se limita à fixação de etapas estanques e definidas previamente, em um *script* com começo-meio-fim, mas prevê ações articuladas, ainda que não sequenciais, com a força da abertura às possibilidades (OSTETTO, 2019). A organização da dinâmica do campo por meio de movimentos também dialoga, em coerência e complementaridade, com a perspectiva da teoria dialógica, defendida por Geraldí (2012).

1º movimento: Entrada na instituição de Educação Infantil e observação. O convívio no cotidiano da instituição durou quatro meses, de setembro a dezembro de 2019. Depois da aproximação institucional, o primeiro mês teve por objetivo observarmos como as crianças interagem com as áreas verdes disponíveis no local. Realizamos um exercício de observação de modo a compreendermos melhor a rotina das crianças, entendermos suas interações com a natureza e levantarmos elementos que ajudassem a decidir/escolher o grupo de crianças que participaria das propostas. Como a instituição trabalha com grupos

multi-idade (as turmas são compostas por crianças de 3, 4 e 5 anos), a observação foi dirigida às crianças de todas as faixas etárias, enquanto frequentavam a área externa.

Algumas perguntas guiaram esse período inicial de observação: Como a criança explora a materialidade, a plasticidade e a efemeridade dos elementos da natureza? Como elas lidam com a sujeira, com os resquícios de galhos, folhas e possíveis animais que aparecem na construção de seus mundos percíveis? Elas teriam preferência por algum tipo de vegetação, temperatura ou brincadeira?

2º movimento: Fotografando a natureza. Durante o período de inserção no campo, descrito no primeiro movimento, o caderno de campo serviu para registrar cada criança que ia aparecendo em interação com a natureza. Por isso, foi organizada uma lista com os meninos e as meninas que mais pareciam interessar-se pelas brincadeiras miúdas com a terra, com a água e com os pequenos animais que surgiam. A idade não foi critério de escolha, nem o grupo ao qual pertenciam. O interesse e a curiosidade em interagir também foram critérios importantes, pois essa proximidade poderia trazer maior profundidade e diálogo durante as próximas propostas no âmbito da pesquisa.

Assim, para a continuidade da investigação, contamos com a colaboração de cinco crianças que, neste segundo movimento, por meio de convite e conversas, concordaram em participar, em colaborar com a pesquisa. Com seu assentimento, as participantes são referenciadas pelos seus primeiros nomes. Após a fase de mútuo conhecimento, foi apresentada a proposta: formulada como uma brincadeira, a ideia era que cada uma capturasse suas visões da natureza, a partir de fotografias tiradas nas áreas externas da escola. Sem outras orientações, foi disponibilizado o equipamento fotográfico (câmeras descartáveis com 27 poses) para que pudessem fazer seus registros. Mostraram-se importantes e necessários os momentos de adaptação à câmera, nos quais todas puderam experimentar e aprender seu funcionamento. Os fotógrafos foram avisados, inclusive, que como a máquina era “diferente”, era normal que algumas fotos não “funcionassem”.

Reconhecemos, *a priori*, que a habilidade no manuseio das câmeras descartáveis pelas crianças seria significativa para o prosseguimento do projeto. Para facilitar, cada criança ficou com a sua própria câmera, sinalizada com um adesivo. Algumas perguntas serviram de inspiração para a elaboração da metodologia e para acompanhar/observar as crianças: Como será que vão agir frente ao fato de que não terão cliques ilimitados? Haverá frustração ao saber que certas fotografias podem não “funcionar”, saindo como borrões – ou simplesmente

não saindo – ao serem reveladas? Ademais, como lidar com a ansiedade de só poder ver as fotografias algumas semanas depois?

A quantidade de dias necessários para o período de adaptação e para as capturas foi definida ao longo da pesquisa. Para a adaptação, foram necessários somente alguns minutos, pois logo a vontade de começar fez com que as crianças quisessem experimentar as câmeras já na prática. No decorrer dos dois dias de fotografia, porém, foi preciso ajudá-las e lembrá-las do funcionamento do equipamento fotográfico, visto que, às vezes, se esqueciam de girar o filme da câmera, impossibilitando o botão de disparar a fotografia, por exemplo.

3º movimento: Roda de conversa/escuta com as fotografias impressas. As fotografias foram impressas e, com elas, realizamos uma roda de conversa com as crianças, para que pudessem ver suas produções e expressar histórias, desejos, sentimentos e ideias concernentes à natureza e às interações capturadas em imagens. A intenção foi ouvir as crianças acerca das experiências nesses e/ou outros ambientes naturais. Como se sentiram ao estar na natureza? Como foi a experiência de fotografar? Buscamos entender quais eram as histórias que estavam contando com aquelas imagens; quais eram as motivações por trás daquele registro.

4º movimento: Miniexposição, escolha das fotos e produção dos Diários da Natureza. Uma pequena exposição com as fotografias de cada criança foi montada, pendurando-as na grade que cerca a instituição. A proposta era produzir um Diário da Natureza, sob a inspiração do “Guia de campo para a última criança na natureza”, publicado como apêndice do livro *A Última Criança na Natureza* (LOUV, 2016). Na segunda parte deste apêndice, há sugestões dirigidas aos adultos, de 100 ações que podem ser feitas em prol da aproximação das crianças da natureza. São medidas práticas a serem tomadas por qualquer família, e iniciativas que permitem que os adultos possam, de fato, oferecer condições para que seus filhos e/ou alunos se aproximem dos ambientes naturais e dos animais de forma dinâmica e divertida. A sugestão de número 23 é o registro individual das “[...] descobertas ao ar livre em palavras, desenhos e fotografias” (LOUV, 2016, p. 367), compondo um Diário da Natureza.

A partir da escolha de seis fotografias, os meninos e a menina produziram seus Diários da Natureza, no qual os registros fotográficos foram base para a confecção de outras possíveis obras e/ou intervenções artísticas. Elementos da natureza como folhas, frutos, insetos mortos, terra, areia e flores foram coletados para compor o Diário. As crianças foram convidadas a colar, desenhar e incluir nas páginas elementos da natureza encontrados em suas buscas. Cada

qual fez o seu diário pessoal e único. A intenção era que pudessem, utilizando diversas linguagens, externar impressões, desejos e sensações acerca dos momentos registrados em câmera e dos temas que surgiram ao longo da pesquisa.

5º movimento: Leitura do material. O material produzido e que serviu de dados para análise, constou de: anotações em diário de campo, gravações de áudio, fotografias tiradas durante o período de observação, fotografias tiradas pelas crianças e diários da natureza confeccionados pelas crianças. O extenso e diverso material produzido foi analisado à luz dos objetivos iniciais, das questões levantadas ao longo da pesquisa, tanto aquelas que surgiram na prática cotidiana com as crianças, quanto as trazidas com o auxílio da teoria de referência.

A análise foi guiada por perguntas como: De que modos as crianças conceituaram “natureza” a partir da captura dos seus olhares? Quais elementos da natureza despertaram maior interesse dos meninos e das meninas no ambiente escolar? Eram eles evidentes ou discretos? Visíveis, audíveis, imaginados? Será que crianças mais participativas e falantes tiveram maior ou menor expressividade fotográfica, trazendo a percepção de elementos e cenas mais inusitadas? E as crianças mais quietas? Quais seriam as particularidades infantis na percepção do mundo natural que as envolve? Como foi a receptividade das crianças à proposta e ao processo de produção do Diário da Natureza? Como se deu a intervenção artística com o material fotográfico? As crianças escolheram utilizar elementos da natureza como galhos, folhas, sementes ou quiseram desenhar, colorir, pintar suas experiências com giz de cera ou lápis colorido? Como os elementos externos à imagem se relacionam com aquilo que foi capturado?

6º movimento: Depois da pesquisa. Apresentação dos achados da pesquisa, conversa com crianças e famílias, entrega às crianças dos Diários da Natureza produzidos. Socialização por meio de um pequeno videodocumentário dos processos e produções das crianças. Esse movimento, em virtude das condições pandêmicas impostas, foi realizado parcialmente.

Duvidar do óbvio em nuances de luz e sombra, entre experiências e imaginações

*O diálogo e as lutas da criança com o mundo
repercutem e ritmam experiências distantes da
linearidade racional e vivem, por isso mesmo,
permanentemente ativadas – pelo reino simbólico – de
um poder criador e gerativo incommuns.*
Gandhy Piorski (2016, p. 52).

Estarmos com as crianças e observarmos o percurso particular de cada menino e menina permitiram-nos identificar como gostavam de se divertir, quais eram seus cantos favoritos, seus amigos e/ou amigas de aventuras. No momento de fotografar, buscando entendê-los em suas individualidades, observamos como cada um interagia e respondia à proposta.

Espalhando-se pelo espaço na velocidade da luz, esgueirando-se pelo chão, subindo na ponta dos pés e no tronco inclinado da árvore pata-de-vaca em busca do clique desejado, os quatro meninos e a menina (que com sua autorização serão apresentados com seus nomes próprios) capturaram todo e qualquer tipo de coisa. Alice demonstrou preferência em fotografar aquilo que comumente chamamos de “natureza”: grande parte de suas fotografias continha árvores, folhas e gramado. Ao mesmo tempo, capturou fotos de cantinhos e objetos aparentemente aleatórios, mas que, mais tarde, relatou serem valiosos para ela. Cantos de experiências e memórias vividas diariamente na escola. A menina fotografou de forma dinâmica e tranquila, alternando momentos de cumplicidade com o grupo envolvido, com momentos de introversão e aparente busca por um ambiente mais vazio.

João Leandro aparentou fotografar de forma mais quieta, observadora, como se o clique perfeito não pudesse ser alcançado com afobação. Nessa busca, ele encontrou diversas frestas do chão, lugares marginais habitados por folhas e ervas daninhas. Demonstrou também bastante interesse em capturar os momentos vividos por outros amigos, inclusive fazendo-os participar da brincadeira. O menino foi o único do grupo que deu a câmera na mão de uma amiga para que ela pudesse registrá-lo do “lado de lá” das lentes.

Para João Guilherme, o verde reinou: quase todas as suas capturas foram de ambientes que costumamos chamar de “natureza”. Heitor teve seu jeito único de percorrer todos os espaços do parque. Interagia com todos, comunicativo, e gostava de fazer comentários perspicazes e brincadeiras alegres sobre o que estava fotografando e que via registrado na tela, até mesmo da câmera descartável. Suas diversas fotos da natureza encontraram ângulos inéditos, verticalidade e movimento. Já Davi demonstrou interesse em incluir os amigos e demais pessoas em sua brincadeira de fotografar a natureza: dentre todos os fotógrafos, foi o mais brincalhão, extrovertido e aquele que buscou mais vezes registrar rostos e corpos conhecidos. Por vezes, cansou-se da tarefa e desejou parar. Passado um tempo, voltava a interessar-se e retomava a câmera em mãos.

Ao analisarmos individual e coletivamente as fotografias, pareceu-nos que a intencionalidade por trás de cada registro não era de produzir repercussão. Em vez disso, as

crianças buscavam capturar tudo aquilo que a natureza e que cada momento singular repercutira internamente em seus corpos e mentes. Como afirma Piorski (2016, p. 60), “[...] a imaginação é uma potência autônoma, criadora e multiplicadora de imagens, que está além da organização do entendimento racional”. Imaginarmos aquilo que desejamos é muito mais rico do que termos de moldar-nos à realidade.

Os elementos da natureza que despertaram maior interesse nas crianças, a partir da análise de suas fotografias, foram as folhas, as árvores, as pedrinhas e as plantas. O mico que apareceu em um dia foi também um sucesso, mesmo que só um menino tenha conseguido capturá-lo na câmera. Contudo, podemos afirmar que no rolo de filme de cada criança há, pelo menos, uma fotografia que representa a tentativa de congelar a imagem do mico. O céu foi fotografado somente uma vez. Bancos de madeira e brinquedos também apareceram com frequência nos registros.

Constatamos uma grande quantidade de fotografias do “fora”, do outro lado das grades da escola (Figura 1). Muitas vezes o mesmo pedaço de grama estava presente dentro da creche, mas as crianças pareciam querer registrar aquilo que estava para além do alcance das suas mãos. O fundo, aquilo que está por trás. Talvez elas sentissem que o lado de fora da escola era mais arborizado, ou que continha mais natureza. Ou que as flores e folhas do lado de lá eram mais bonitas e interessantes, afinal, a grama do vizinho é sempre mais verde... Quem sabe, as fotografias para além da grade demonstrem o desejo das crianças de sair, de poder explorar com seu olhar fotográfico uma área que não costumam poder ir com os seus pés. No entanto, os “olhos” da câmera podem.

Figura 1 – Fotografias de fora





Fonte: Extraídas de autora 1 (2020, p. 129). Fotografos: Alice, João Guilherme, João Leandro e Heitor.

Todas as crianças fotografaram outros amigos, tanto aqueles que estavam participando da proposta, quanto aqueles que não. Interpretamos isso não só como uma forma de incluir outras meninas e meninos na dinâmica, mas também como um impulso carinhoso em mostrar a afetividade das relações, o íntimo, os fios de amizade que tecem diariamente na creche.

Ao analisarmos os rolos de filme das crianças, quais concepções de natureza podemos capturar a partir das escolhas de registro? Para nós, as crianças-pesquisadoras desejaram ver tudo, registrar tudo, capturar tudo e qualquer coisa que lhes interessassem. Como a proposta inicial não foi rígida, evitando assim um objetivo único a ser alcançado, percebemos que os meninos e a menina se sentiram bastante livres em sua exploração fotográfica. Em momento algum pediram qualquer tipo de ajuda que não fosse no manejo da câmera. A proposta fluiu, como uma brincadeira, de forma livre e autônoma.

Os elementos que apareceram nos registros das crianças vão para além daquilo que poderíamos esperar: discretos, evidentes, quase invisíveis. O olhar revelado provou que a criança duvida do óbvio e, assim, ilumina frestas, fiapos e pequenas nuances de luz e sombra. Em vez de buscar evidências, as crianças repararam no fundo, enxergaram seus cotidianos de ângulos inesperados. Buscaram cumplicidade em rostos queridos, cantinhos de memória, objetos valiosos, interações interessantes, reações notáveis.

Há registros que facilmente poderíamos dizer que foram “despropósitos”. Contudo, esses “despropósitos” (Figura 2) são as verdades recheadas de significação, modeladas pelo ponto de vista daqueles que, por enxergar muito mais do chão, acabam notando todos os tipos de beleza escondida.

Figura 2 – Despropósitos



Fonte: Extraídas de Autora 1 (2020, p. 131). Fotógrafos: Alice, João Guilherme, João Leandro e Heitor.

Sobre capturas fotográficas e concepções de natureza

Eu queria tirar a foto porque eu adoro esse lugar! [Alice].
Nimrichter (2020, p. 105).

No momento de ouvirmos as crianças acerca de suas fotografias, ficou evidente a importância da escolha metodológica de se cruzar “[...] procedimentos de escuta utilizando diferentes suportes expressivos em momentos diversos” (CRUZ, 2008, p. 45). Até então, as crianças tinham falado e agido praticamente só de forma espontânea, expressando-se, verbalmente ou não, durante as brincadeiras no parque ou durante a proposta com as câmeras fotográficas. Com a roda de conversa, a intenção foi travarmos com os meninos e com a menina um diálogo aberto e amplo. Para além de perguntas que suscitavam respostas com “sim” ou “não”, foi construído um terreno dialógico que provocou questionamento e acolheu as narrativas das crianças em suas múltiplas possibilidades de expressão.

Certamente os oito dias que se passaram entre o último dia de fotografia e a roda de conversa exerceram influência na receptividade das crianças. Elas pareciam não se lembrar das fotos que haviam tirado, talvez por isso não houve frustração de certos cliques não terem “funcionado” ou terem saído como borrões. A ansiedade que eles demonstraram ao terminarem de fotografar e não conseguirem ver as fotos, foi visivelmente dilatada pelo tempo. Essa dilatação afetou uma possível expectativa, como aquela do fotógrafo que, ao

revelar o rolo de filme em um estúdio escuro, torce para que todas as poses tenham saído conforme seu desejo.

Muito além das questões técnicas, da qualidade das fotografias, das poucas expectativas e lembranças testemunhadas, a conversa foi cheia de riquezas e significâncias. A sensação era de reviver novamente aquele dia em que a fotografia fora clicada: foram diversas surpresas, buscas e estranhamentos. As crianças ficaram maravilhadas vendo seus próprios registros! Frente às perguntas: “Onde aqui tem fotos do que você acha que é a natureza?”, “Nessas fotos, onde você vê mais natureza?”, “Bota o dedo onde está a natureza”, as respostas foram muito diversas.

Fugindo de uma lógica adulta e linear, as crianças mostraram que veem a natureza em qualquer lugar: em pessoas, em coisas, em plantas, no que for. O que ficou mais evidente, foi a busca dos meninos e da menina por enquadrar seus lugares de intimidade: os amigos, os brinquedos, os cantinhos, as plantas “carnívoras”, os espaços afetivos da escola que marcam a memória do corpo e do coração.

A intimidade pressentida do mundo chama a criança para um trabalho de extroversão em direção à matéria. Cada parte é passiva de ser um universo, ou se fará um universo, pelo poder colonizador das imagens. Encontramos o rastro onírico de sua alma tanto nos materiais dos brinquedos como no seu corpo e no trabalho de suas mãos (PIORSKI, 2016, p. 64).

Os meninos e as meninas pesquisadores-brincantes-fotógrafos-artistas que estiveram em diálogo confirmaram que todo processo de uma investigação coletiva – do início ao fim, em todas as suas fases – não poderia se dar de forma pragmática, linear, nem se proporia a responder às perguntas da pesquisa de forma previsível. Nesse momento da roda de conversa, em busca de uma concepção de natureza capturada nas fotografias, descobrimos que, para as crianças, ela poderia ser: “Maria Luisa”; “O Heitor. Aqui, ele é natureza.”; “[...] foto de árvore, de um tronco”; “Pedrinhas e folhas” e até as próprias crianças que, em diversos momentos, se reconheceram como a natureza naquelas fotografias. Foi preciso, novamente, despir-se das certezas e contemplar o vivido, a quebra da lógica, da temporalidade, da verticalidade e da estética operada pelas crianças.

Compreendermos os processos das crianças de forma menos viciada e adultocêntrica é um exercício constante, é atitude que se constrói estando junto e com consciência de nossos limites. Mesmo com o amparo de diversas teorias acerca do tema, não é tão fácil, na prática, acostumar-nos a não ouvir aquilo que se espera ouvir em resposta às perguntas. Um exemplo: ao buscarmos entender as peculiaridades da relação criança-natureza, ouvi-las

falando de carros, paredes elétricas, portas (categorias compreendidas, grosso modo, como não naturais, ou seja, modificadas pelo homem), a primeira impressão era de que seus olhares e suas percepções estavam fugindo do centro da relação que buscávamos analisar.

Por meio da imaginação, da brincadeira, da espontaneidade, da sinceridade e da sensibilidade, Alice, Davi, Heitor, João Guilherme e João Leandro ensinaram que só despiando-nos das certezas e das perguntas com resposta única, podemos acolher os saberes e fazeres divergentes que se revelam no encontro: a natureza, para eles, pode ser tudo: desde a folha, a árvore, o mico, até o amigo, eles próprios, outro alguém, uma porta de alumínio, um banco de madeira. Confirmaram que as lógicas infantis são propriedade e direito das crianças, e não é nosso papel querer destrinchá-las em análises e enquadrá-las em definições de ilogismo.

Na prática, testemunhamos crianças que buscam a natureza e nela encontram o prazer de brincar. Sujam-se, colocam as mãos onde querem, rolam pela lama e pela grama sem medir, ou até entender, consequências negativas. Dentro e fora dos contornos da pele, experimentam texturas e sensações de liberdade, de descobrimento único e próprio que só acontece na infância: na terra, rastejam; na água, se entregam, explodindo de alegria genuína; no ar e no fogo, observam com atenção, se aproximam, e na oportunidade de jogar-se no perigo desconhecido. Cada menino, cada menina, cada qual na medida do seu possível, do seu jeito peculiar, abraçando seu ser. O corpo está ali, atento, operante, pulsante de vida. O corpo da criança na natureza é território livre.

Referências

- BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.
- COUTO, Mia. *Antes de nascer o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CRUZ, Silvia Helena Vieira. Fala, menino! O cotidiano da creche comunitária na perspectiva da criança. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 298-299.
- DA ROS, Silvia Zanatta *et al.* O ensinar e aprender, a pesquisa e a “sociedade da imagem”: apontamentos. In: LENZI, Lucia Helena Correa *et al.* (org.). *Imagem: intervenção e pesquisa*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. p. 101-117.
- FERNANDES, Natália. Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 66, p. 759-779, jul./set. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782016216639>
- GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GERALDI, João Wanderley. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO. *Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. Caderno de estudos IV para iniciantes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 19-39.

JOBIM E SOUZA, Solange. A pesquisa em ciências humanas como intervenção nas práticas do olhar. In: LENZI, Lucia Helena Correa *et al.* (org.). *Imagem: intervenção e pesquisa*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. v. 9. p. 203-217.

LOUV, Richard. *A última criança na natureza*. São Paulo: Aquariana, 2016.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

MELUCCI, Alberto. *Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultural*. Tradução: Maria do Carmo Alves do Bonfim. Petrópolis: Vozes, 2005.

NIMRICHTER, Ana Clara Riberiro. *O que (quase) não se vê: Olhares de infâncias na natureza*. Orientadora: Luciana Ostetto. 2020, 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2020. Disponível em <https://app.uff.br/riuff/handle/1/15569>

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Com o pensamento do coração, entrelaçando docência e formação estética. *Atos de Pesquisa*. Blumenau, v.14, n.1, p.57-76 jan./abr. 2019. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/7307> . Acesso e: 26 out. 2023.

PEREIRA, Rita Ribes. Por uma ética da responsividade: exposição de princípios para a pesquisa com crianças. *Currículo sem Fronteiras*, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 50-64, 2015. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol15iss1articles/pereira.pdf>. Acesso em: 26 out. 2023.

PIORSKI, Gandhi. *Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar*. São Paulo: Peirópolis, 2016.